

CASA ABRIGO: POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO PARA O PSICÓLOGO

AGUIAR, Oscar Xavier de

Docente do Curso de Psicologia - FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL

CARRERO, Márcia Lamarca Cassola

Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL

e-mail: márcia_carrero@yahoo.com.br

RONDINA, Regina de Cássia

Docente do Curso de Psicologia - FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL

RESUMO

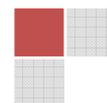
O objetivo deste estudo foi descrever e caracterizar o trabalho do Psicólogo num abrigo para crianças vítimas de maus-tratos. Os dados foram coletados através da técnica de observação cursiva, nas reuniões da psicóloga com sua equipe na Instituição, durante um período de três meses. Constatou-se que a atuação do Psicólogo se configura em um trabalho interdisciplinar, efetuado junto à criança, sua família e equipe técnica. O foco principal do trabalho é o bem-estar da criança e do adolescente. Dentre as dificuldades observadas no trabalho do Psicólogo, constatou-se que algumas crianças chegaram ao abrigo em condições de total abandono, abaladas do ponto de vista físico e psicológico. Além disso, foi detectada certa resistência por parte de algumas famílias em colaborar para uma melhora significativa.

Palavras-chave: maus-tratos; atuação do Psicólogo; casa abrigo; observação; bem-estar.

ABSTRACT

The objective of this study was to describe and to characterize the psychologist's work in a shelter for children victims of the ill-treatments. The data were collected through the technique of cursive observation, in the psychologist's meetings with your team in the institution, during a period of three months. It was verified that the psychologist's performance is configured in a interdisciplinary work i, made the child, your family and technical team close to. The main focus of the work is the child's well-being and of the adolescent. Among the difficulties observed in the psychologist's work, it was verified that, some children arrived to the shelter in conditions of total abandonment, shaky of the physical and psychological point of view. Besides, certain resistance was detected on the part of some families in they collaborate for a significant improvement.

Keywords: ill-treatments; the psychologist's performance; house shelter; observation; well being.



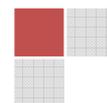
1. INTRODUÇÃO

Estudos demonstram que o ambiente familiar é o local onde as crianças mais sofrem maus-tratos; estes infligidos, na maioria das vezes, pelos próprios pais ou responsáveis e exercidos de formas variadas (DESLANDES, 1994; SILVA, 2004).

Segundo Benetti (2002), o termo “*maus-tratos*” é entendido como toda ação cometida ou omissões na proteção da criança que resultem em lesão física, emocional, intelectual ou social. Como conseqüências negativas dos maus-tratos, estudos apontam que existem grandes probabilidades de apresentarem seqüelas que as acompanharão pela vida toda (BOWLBY, 2002; WINNICOTT, 2005).

Pesquisas indicam alguns dos fatores responsáveis pela prática abusiva: o desemprego, a baixa remuneração, o despreparo para a maternidade, o alcoolismo, entre outros (DESLANDES, 1994; BENETTI, 2002). Por sua vez, Silva (2004) defende a hipótese de que, dentre inúmeras causas, a pobreza é a responsável por desencadear todo o processo, que acaba por levar aos atos violentos.

Procurando amenizar tais situações, foram criados mecanismos legais e institucionais voltados para a prevenção e para a intervenção frente a esta ocorrência. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabeleceu a criação de casas - abrigo (Lei 7.644, de 18/12/1987), para acolher crianças vitimadas. A Lei determina, entre outras medidas, que a criança deve permanecer abrigada, por, no máximo, três meses. Segundo Silva (2004), Bowlby (2002) e Winnicott (2005), crianças e adolescentes institucionalizados, por períodos prolongados, têm grandes chances de apresentarem problemas que afetam da sociabilidade à manutenção de vínculos afetivos na idade adulta; assim, “os danos causados pela institucionalização serão tanto maiores quanto maior for o tempo de espera, que interfere não só na adaptação em

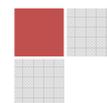


caso de retorno à família de origem, como nos casos de inserção em família substituta” (SILVA, 2004, p.64).

O papel do Psicólogo é de suma importância dentro de um abrigo, podendo atuar em vários aspectos, por exemplo: na avaliação da criança e sua família; apontando as mudanças necessárias para a reinserção da criança no lar; mantendo o vínculo familiar; e dando treinamento e suporte psicológico à equipe técnica (CECIF, 2005). O Psicólogo deve fazer parte de uma equipe multidisciplinar, cujo trabalho deva ultrapassar as tarefas operacionais de suprir as necessidades básicas de alimentação e conforto da criança; tentando propiciar um ambiente de apoio afetivo e acolhedor; e na busca por amenizar as marcas da violência trazidas pela sua história de vida (ANTONI e KOLLER, 2001). Nesse sentido, a proposta deste estudo é apresentar alguns dados obtidos com uma pesquisa efetuada em uma Instituição localizada na Região Centro-oeste /SP, que tem por finalidade assistir às crianças vítimas de maus-tratos. Teve como finalidade identificar e descrever as atividades desempenhadas pelo Psicólogo do abrigo, de modo a caracterizar em que consiste o trabalho da Psicologia, em instituições dessa natureza.

Este estudo foi desenvolvido numa Instituição do interior do Estado de São Paulo, que funciona como Sociedade Civil de Caráter Assistencial, atendendo por períodos provisórios, às crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, vítimas de maus-tratos; limitou-se a observar o trabalho desenvolvido pela psicóloga no abrigo; foi realizado durante o período de três meses, após prévio consentimento da Instituição.

A coleta de dados foi efetuada através do método de observação e registro cursivo, que possibilitou responder aos objetivos deste estudo; ou seja, identificar e descrever as atividades desempenhadas pelo Psicólogo do abrigo, com a proposta de avaliar como vem sendo desenvolvida esta forma de trabalho. Segundo Danna (1996), “a observação é utilizada para coletar dados acerca do comportamento e da situação ambiental” (p.22); e o, “registro contínuo cursivo consiste em, dentro de um período ininterrupto de tempo de observação, registrar o que ocorre na situação, obedecendo à seqüência temporal em que os fatos



se dão” (p.56). As observações foram feitas em dois momentos: no primeiro, foram observados os assuntos abordados durante as reuniões realizadas semanalmente pela equipe multidisciplinar, composta pela psicóloga, uma coordenadora, seis monitoras e uma assistente social; em seguida, foram observadas e descritas as atividades desenvolvidas pela psicóloga no abrigo.

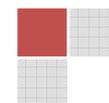
2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados através da técnica de observação foram agrupados em tópicos, referentes às atividades desenvolvidas pela psicóloga no abrigo, junto às crianças, famílias e a equipe técnica. A tabela 01 apresenta uma distribuição dos principais aspectos observados:

Tabela 1: Atividades desenvolvidas pela psicóloga na instituição pesquisada

Com a criança	Com a família	Com a equipe técnica do abrigo
Educação, disciplina, regras, limites	Realiza visita às famílias	Incentiva o trabalho em equipe
Cuida da saúde	Procura recuperar os vínculos familiares	Discute os casos e necessidades de cada criança
Faz acompanhamento escolar	Procura detectar a origem do problema	Realiza atividades para diminuir a ansiedade e estresse
Promove atividades lúdicas	Orienta e encaminha para psicoterapia ou outros grupos de apoio	Oferece treinamento para capacitar a equipe diante de problemas diários
Encaminha para psicoterapia	Faz acompanhamento para garantir que a família esteja se mobilizando, para ter a criança de volta	Faz a intermediação entre a equipe e as famílias, juizes e Conselho Tutelar

Junto às crianças, a psicóloga trabalha assuntos relacionados à educação, saúde, disciplina, orientação, acompanhamento escolar, regras, limites e diminuição da ansiedade. Utiliza como recursos atividades lúdicas e dinâmicas de grupo, para promover a expressão de sentimentos, trabalhar a motivação, a autopercepção, ou para debater sobre temas variados, como



sexualidade, uso de drogas etc.. Quando detecta algum transtorno psicológico, a psicóloga encaminha a criança para tratamento psicoterápico, oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

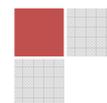
Com relação às famílias das crianças, a psicóloga e a assistente social, realizam visitas domiciliares, tendo como objetivo recuperar os vínculos familiares, auxiliar, orientar e ajudar para que as mesmas tenham condições de atender às necessidades das crianças e, assim, conseguir recuperá-las.

Junto à equipe técnica, observou-se que a psicóloga oferece treinamentos, utilizando como recurso, principalmente, as dinâmicas de grupo, para desenvolver o espírito de equipe, a motivação, a expressão das angústias, o respeito à individualidade etc.. Tais atividades têm como objetivo tornar a equipe mais capacitada para resolver problemas do dia-a-dia. Além de realizar reuniões semanais para discutirem os problemas surgidos na semana.

Com base nos dados coletados, a partir das observações durante reuniões da equipe multidisciplinar, foi possível identificar e descrever as principais atividades desenvolvidas pela psicóloga no abrigo; também, identificar alguns dos problemas encontrados. Uma das principais dificuldades encontradas pela psicóloga, segundo o que foi observado foi: algumas crianças chegaram ao abrigo em condições de total abandono, desnutridas, com marcas de agressões pelo corpo, marcas de cigarro, falta de higiene, molestadas sexualmente e vítimas da prostituição; apresentavam-se agressivas ou apáticas, aparentando ter medo de tudo e de todos, e alheias ao que estava acontecendo.

Com base na literatura especializada sobre o assunto, é possível supor que o histórico de violência experimentado pelas crianças dificulta a formação de vínculo de confiança com a psicóloga. Segundo Antoni e Koller (2001), o trabalho do Psicólogo deve ir além de satisfazer as necessidades básicas da criança, tentando propiciar um ambiente de apoio afetivo e acolhedor, na busca por amenizar as marcas da violência.

Com relação às famílias, foi possível notar que poucas aceitam a orientação por parte da psicóloga: a maioria insiste em afirmar que são vítimas

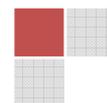


e se negam a colaborar, o que, possivelmente, contribui para que o processo de reintegração da criança seja ainda mais lento, aumentando, assim, o tempo de permanência da criança no abrigo. Segundo CECIF (2005), dentre às atividades realizadas com a família, está a de identificar e apontar as mudanças necessárias para a reinserção da criança no lar, sem deixar que a mesma perca o vínculo familiar. Conforme o que foi observado durante esse trabalho, esta aparenta ser uma das principais preocupações da psicóloga do abrigo, ou seja, que a criança possa retornar à família, o mais breve possível, para evitar que sofram danos futuros, ainda maiores. A atuação nesse sentido é compatível com a posição de autores como Bowlby (2002), Silva (2004) e Winnicott (2005), quando afirmam sobre as possíveis conseqüências negativas das quais as crianças estão sujeitas quando permanecem por muito tempo no abrigo; problemas estes que podem afetar da sociabilidade à manutenção de vínculos afetivos na idade adulta.

Esses dados representam apenas alguns dos problemas e questões observados. Cabe ao Psicólogo e à equipe da Instituição a busca de soluções mais adequadas. Segundo o que prescrevem Antoni e Koller (2001), o Psicólogo deve fazer parte de uma equipe multidisciplinar, cujo trabalho deve ultrapassar as tarefas operacionais de suprir as necessidades básicas de alimentação e conforto da criança.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses resultados, foi possível concluir que os objetivos propostos por esse estudo foram alcançados; ou seja, foi possível caracterizar a importância do trabalho do Psicólogo numa casa abrigo. Contudo, é importante ressaltar que, durante esta jornada, foi possível constatar que o Psicólogo não atua só, pois observou-se um trabalho interdisciplinar, cujo foco principal é o bem - estar da criança e do adolescente, vítimas dos maus-tratos e sua família; e, principalmente, notou-se a preocupação de evitar que danos, ainda maiores, possam ocorrer, no futuro, a essas crianças.



Pretende-se que este estudo se torne como uma referência para outros, com sistematização e detalhamento maior; possa contribuir para a disseminação da importância da presença do Psicólogo num abrigo; e para a conscientização dos males que uma criança está exposta quando vítima dos maus-tratos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONI, C.; KOLLER, S.H. O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. **Psicol. Ciênc. e Profissão**, vol.21, n.1, p.14-29, 2001.

BENETTI, S.P.C. Maus-tratos da criança: abordagem preventiva. In: HUTZ, C. S. (Org.). **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência**: aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CECIF (Org.). **101 perguntas e respostas sobre reintegração familiar**: o trabalho a partir dos sistemas de acolhimento institucional e familiar. São Paulo: CECIF, 2005.

DANNA, M.F. **Ensinando observação**: uma introdução. São Paulo: EDICON, 1996.

DESLANDES, S. F. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. **Cad. Saúde Pública**, v.10, n.1, p.177-187, Rio de Janeiro, 1994.

SILVA, E.R. **O direito à convivência familiar e comunitária**: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinqüência**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

